

**Maria na teologia dos padres da igreja (325-451) e suas principais contribuições para uma espiritualidade mariana nos dias atuais<sup>1</sup>**

*Mary in the Theology of the Priests of the Church (325-451) and her Main Contributions to a Mariana Spirituality in the Present Day*

Felipe Araújo Sodré Lima

Graduado em Teologia pela Faculdade Católica de Feira de Santana (FCFS), Bahia, Brasil.

[felipearaujosodre@gmail.com](mailto:felipearaujosodre@gmail.com)

<http://lattes.cnpq.br/1990679816376657>

José Rodrigues Guimarães Filho

Graduado em Teologia pela Faculdade Católica de Feira de Santana (FCFS), Bahia, Brasil.

[guimarfilho@gmail.com](mailto:guimarfilho@gmail.com)

<http://lattes.cnpq.br/1829830244731293>

**Resumo**

Esse artigo objetiva descrever, através de uma análise básica de forma qualitativa e exploratória, como a figura de Maria é apresentada pelos Padres dos primeiros séculos da era cristã, precisamente entre os Concílios de Nicéia (325 d.C.) e Calcedônia (451 d.C.), destacando a sua importância na vida do Logos Encarnado, de toda a Igreja e dos cristãos que buscam imitá-la na fidelidade e obediência a Deus. Como ícone feminino fundamental na história do cristianismo, Maria se tornou tema de inúmeras discussões e defesas nos Padres da Igreja, de onde se gerou uma orientação direcionada à prática de exercícios de piedade, teologia ratificada pelo Concílio Vaticano II, no capítulo VIII da Constituição Dogmática *Lumen Gentium*. O presente artigo permite acesso a novos conhecimentos mariológicos e um maior aprofundamento acerca da vida de Maria, constituindo, portanto, uma fonte de enriquecimento acadêmico, histórico, teológico e pastoral.

---

<sup>1</sup> Artigo elaborado em 2017 para o Projeto Integrador do 4º Semestre, do Curso de Bacharelado em Teologia da Faculdade Católica de Feira de Santana (FACFS), sob orientação do Professor de Patrologia, o Dr. Edilmar Cardoso Ribeiro (edilmarcardoso@uc.cl).



**Palavras-chave:** Maria. Padres da Igreja. Concílios. *Lumen Gentium*.

## Abstract

This article aims to describe, through a basic analysis in a qualitative and exploratory way, how the figure of Mary is presented by the Fathers of the first centuries of the Christian era, precisely between the Councils of Nicaea (325 AD) and Chalcedon (451 AD), highlighting its importance in the life of the Incarnate Logos, of the whole Church and of Christians who seek to imitate it in fidelity and obedience to God. As a fundamental feminine icon in the history of Christianity, Mary became the subject of numerous discussions and defenses in the Fathers of the Church, from which an orientation was directed to the practice of exercises of piety, theology ratified by the Second Vatican Council, in chapter VIII of the Dogmatic Constitution *Lumen Gentium*. This article allows access to new mariological knowledge and a deeper understanding of the life of Mary, thus constituting a source of academic, historical, theological and pastoral enrichment.

**Keywords:** Maria. Fathers of the Church. Councils. *Lumen Gentium*.

## 1 Introdução

Os Concílios Ecumênicos, ao longo da história do cristianismo, contribuíram de forma decisiva no desenvolvimento da correta compreensão da pessoa de Maria, do aprofundamento da reflexão acerca dos títulos que lhe são atribuídos e da devoção dos cristãos para com a Virgem Maria, a Mãe de Deus e da Igreja.

Antes do Concílio de Niceia, a mariologia se manifestava de forma sombria; a figura de Maria, entretanto, era apresentada de um modo mais claro dentro do contexto dos mistérios de Cristo e dos comentários da Sagrada Escritura.

Os Santos Padres, escritores cristãos dos primeiros séculos, defenderam as verdades do Cristianismo contra as heresias, centrando-se nas controvérsias teológicas de matriz cristológica, menos em questões marianas, muitas vezes modeladas em textos apócrifos, como o Protoevangelho de Tiago (início do século III) que confirma a maternidade divina de Maria e a “Vida de Maria” do monge Epifânio.

A partir dos argumentos dos Padres da Igreja, foram apresentados os temas: Paralelo Eva-Maria, Maria como *Theotokos*, A Conceção Virginal de Maria e Maria Imaculada. Também foi apresentada Maria no capítulo VIII da *Lumen Gentium* e como as suas imagens implicam na devoção mariana no mundo hodierno.

Hoje, sem dúvida alguma, Maria, a mãe de Jesus, é uma das figuras mais veneradas, principalmente entre os cristãos católicos, pelo seu relevante papel na economia da Salvação e por despertar uma devoção mariana alicerçada nas Sagradas Escrituras e na Tradição da Igreja Primitiva.



## 2 Maria nos padres da igreja

Nos primeiros séculos, os escritos patrísticos constituem uma das fontes essenciais para o estudo acerca da Virgem Maria com belíssimas referências em forma de homilias, hinos, orações e comentários bíblicos, traçando, assim, as principais linhas doutrinárias e devocionais. (MURAD, 2012, p. 24).

O pensamento dos Padres da Igreja, portanto, apresenta um rico patrimônio teológico espiritual, cujos argumentos fundamentaram a apresentação dos temas: Paralelo Eva-Maria, A Concepção Virginal de Maria, Maria como *Theotokos* e Maria Imaculada.

### 2.1 Paralelo Eva-Maria

Entre os séculos II e IV, há um amplo consenso, no discurso teológico da concepção virginal de Maria no Espírito, entretanto falta tal consenso em relação à interpretação do nascimento. Tertuliano, por exemplo, põe em dúvida a realidade do nascimento de Jesus e entende o termo “virgindade” como realidade “concernente ao homem”, e não ao nascimento. Já em Clemente de Alexandria, há a ideia de que Jesus teria nascido de modo maravilhoso, deixando a virgindade de Maria intacta. São Justino, no século II, já compara a virgindade das duas mulheres e opõe desobediência e corrupção (Eva) a obediência e alegria (Maria). (SCHNEIDER, 2000, p. 153-154).

Orígenes, como Tertuliano, entende a virgindade de Maria concernente ao homem, porém como realidade permanente antes e depois do nascimento de Jesus. A suposição de um parto “imaculado” indolor de Maria é nitidamente contestável em Gregório de Nissa que relaciona a imagem da sarça ardente, mas que não se consome com o fogo (Ex 3,2) com o maravilhoso evento que acontece em Maria que dá à luz e, no entanto, permanece intacta. Em Gregório também se encontra o paralelo tipológico. Zenão de Verona, Ambrósio, Jerônimo e Agostinho contribuem para consolidarem a ideia de que Maria não perdeu sua virgindade em consequência do parto. (SCHNEIDER, 2000, p. 154).

Os significados dos nomes e as figuras veterotestamentárias descobertas em João Crisóstomo encontram-se muitas alusões aos mistérios em que destaca a presença de Maria:

Éden significa terra virgem e foi aquele lugar em que Deus plantou o paraíso. *Depois o Senhor Deus plantou um jardim no Éden, ao Oriente (Gn 2, 8)*. Deves saber, pois, que o paraíso não foi obra de mãos humanas. A terra, efetivamente, era virgem, não havia sido rotulada pelo arado, nem se haviam traçados sulcos nela, pois, mesmo se havia conhecido as mãos do agricultor, só por haver recebido uma ordem de germinar aquelas plantas. Por essa razão foi chamada éden, que significa terra



virgem. Essa virgem foi figura de outra virgem. Assim como dita essa terra sem receber semente fez que brotara para nós o paraíso, assim também a outra, sem receber semente de homem, fez germinar para nós o Cristo. No caso de que um judeu te perguntar como pode uma virgem dar à luz, respondes tu assim: Como uma terra virgem pode fazer brotar nela umas plantas maravilhosas? Em efeito, Éden na língua significa terra virgem. (JOÃO CRISOSTOMO, *apud*: PONS, 1994, p. 99), (*tradução nossa*).

Em Ireneu de Lião, tem-se o desenvolvimento da comparação entre Eva e Maria em que justapõe à desobediência de Eva a obediência de Maria e a salvação perdida pela humanidade pecadora, no paraíso, é efetuada pelo novo Adão, Cristo, para todos os homens. Ele também traça paralelos entre a virgem e mãe Maria com ser e agir da Igreja, que é a mãe para os nascidos por meio do Batismo para uma nova vida imperecível. (SCHNEIDER, 2000, p. 154).

Na comparação de Maria com Eva, os padres antigos chamam-na de “mãe dos viventes” e afirmam que “o nó da desobediência de Eva foi desfeito pela obediência de Maria; o que a virgem Eva ligou pela incredulidade, a virgem Maria desligou pela fé”. E ainda dizem: “veio a morte por Eva e a vida por Maria”. (LG, n. 56).

## 2.2 A Concepção Virginal de Maria

A graça da maternidade virginal de Maria e sua resposta na fé pessoal e no seguimento de Cristo constituem os pontos de referência da mariologia. Na obra de Justino, o mártir, está amplamente abonada a confissão da conceição virginal da Mãe do Filho de Deus. Santo Inácio de Antioquia aponta para uma doutrina mariológica subordinada à cristologia e afirma que a concepção virginal e autêntica de Maria, Mãe de Jesus, como a morte do Senhor, fazem parte dos mistérios efetuados por Deus. (SCHNEIDER, 2000, p. 153).

Ambrósio defendeu piamente que a virgindade perpétua de Maria durante e depois do parto é real, tornando-se um artigo bem definido de fé. Santo Atanásio também entende que a maternidade divina e virginal de Maria é real e perpétua, e não uma aparência, pois Cristo assumiu dela a verdadeira natureza humana. O modo de vida de Maria é, para ele, como um especial modelo para as virgens cristãs. (PONS, 1994, p. 59)

De forma contundente, Agostinho chegou a atribuir a Maria, por causa do texto de Lc 1,34, créditos de virgindade que antecedeu a anunciação. Em Maria existe um grande privilégio de perfeita e perpétua virgindade e esse privilégio não é tanto em honra da Mãe, quanto relativo à dignidade do Filho. Por isso, Santo Agostinho não se cansa de repetir: “Maria concebeu a Cristo, virgem; deu-o à luz, virgem; e virgem permaneceu”. (AGOSTINHO, 1996, p. 11). Essas fórmulas tornar-se-ão



clássicas na teologia e pregação posteriores. Desse modo, Santo Agostinho considera mais sugestivo e interessante o voto de virgindade emitido livre e espontaneamente por Maria no seu colóquio com o anjo no momento da anunciação:

‘Como poderá ser isto – disse – se eu não conheço nenhum varão?’ (Lc 1,34). Certamente, não teria dito essas palavras se antes não tivesse consagrado sua virgindade a Deus. Mas como os costumes dos israelitas rechaçavam isso, ela se casou com um varão justo, que não havia de tirar violentamente, mas guardar contra todo o opressor, o que ela havia prometido com voto. (AGOSTINHO, *apud*: PONS, 1994, p. 120), (*tradução nossa*).

### 2.3 Maria como *Theotokos*

Desde os primeiros séculos no cristianismo, Maria é apresentada como sendo a mãe do humano e divino Jesus Cristo. Mas ainda não era claro como se dava ou se relacionava no único Jesus Cristo as propriedades humana e divina, questões estas que, a partir do século V, entrarão no vivo da discussão teológica. A questão acerca da *theotokos*, ou seja, de Maria como mãe de Deus, está, portanto, estritamente ligada a questões cristológicas que, ao longo dos séculos IV e V, estavam em processo de desenvolvimento e aprofundamento teológico.

A questão se apresentou com toda força, quando Nestório, presbítero de Antioquia e depois patriarca em Constantinopla, em torno a 428, começou a pregar e a questionar a ortodoxia do título mãe de Deus (*theotokos*) dado a Maria. A preocupação de Nestório, que preferia falar de “mãe de Cristo” (*christotokos*) ou de “mãe do Homem”, era a de proteger a transcendência do Verbo, Filho de Deus, assim como distinguir sem comprometer a humanidade e a divindade em Jesus. Nestório logo entrou em controvérsia com o bispo Cirilo de Alexandria (378-444), intérprete e defensor da *theotokos* e da unidade do sujeito no Verbo encarnado. (LANGEVIN, 2014, p. 1245-1247).

O Concílio de Éfeso (431), terceiro concílio ecumênico, foi convocado para resolver estas questões cristológicas que envolviam o título de Maria como mãe de Deus. Neste, prevaleceram as posições doutrinárias de São Cirilo de Alexandria e foi confirmada a verdade dogmática da maternidade divina de Maria. (LANGEVIN, 2014, p. 602-604).

É justamente, a partir desse concílio que a veneração a Maria assume novas manifestações e os grandes padres passam a falar da Mãe do Senhor com mais frequência e de forma mais expressiva, focalizando, de modo especial, a fé, a obediência e a fidelidade da Santíssima Virgem.

O desenvolvimento teológico da mariologia patrística percorre, pelo que se vê, uma trajetória a partir de uma tradição inicialmente determinada mais por motivos cristológico-histórico-salvíficos, até um interesse exposto na pessoa e no destino da



própria Maria. Influenciado também pela veneração de mártires e santos, que assumia paulatinamente formas litúrgicas definidas, e sob a influência de tendências ascéticas, o artigo de fé “nascido da Virgem Maria”, que originalmente, tematizou sobretudo a concepção do Filho de Deus do Espírito Santo, se transformou, em termos de conteúdo, em discurso da virgindade de Maria antes, durante e depois do nascimento de Jesus (virginitas ante partum, in partu, post partum). Enquanto o título *theotokos* (progenitora de Deus) ainda se encontra no contexto da discussão cristológica, a designação de Maria com a *aeiparthenos* (sempre virgem) reflete a situação modificada. (SCHNEIDER, 2000, p. 154).

Estando presente nos mistérios de Cristo, Maria merece ser exaltada e honrada pela Igreja com culto especial. Desde os tempos mais remotos, a Bem-aventurada Virgem recebe a veneração sob o título de Mãe de Deus e, a cada dia, foi crescendo em invocação e imitação conforme suas próprias palavras proféticas: “chamar-me-ão bem-aventurada todas as gerações” (Lc 1,48).

## 2.4 Maria imaculada

As declarações dogmáticas sobre a preservação de Maria do pecado original desde o primeiro instante de sua existência (Maria imaculada) e a consumação de Maria na graça no corpo e na alma (Maria assunta), não encontram respaldos em testemunhos expressos da Sagrada Escritura, mas decorrem da analogia da fé (Rm 12,6) e de um sentido teológico e espiritualmente refletido da consciência de fé da Igreja, guiado pelo Espírito Santo. (MÜLLER, 2015, p. 355).

Maria em sua liberdade humana pôde dar uma resposta positiva, sendo plena da graça de Deus, prometida pela ação do Espírito Santo (Lc 1, 28.41s). Desde sempre, a existência humana estava muito envolvida pela graça de Jesus Cristo, que elimina o pecado original; desse modo, ela foi preservada para sempre dos pecados mortais e veniais em prol dessa mesma plena graça recebida, que sustenta a vontade e a sua atividade. O fim temporal-terreno de Maria está santificado por um ato divino, quando ela foi assunta à glória celestial de corpo e alma, o que proporcionou uma visão clara da consumação escatológica do ser humano em sua integridade espiritual e corporal. (MÜLLER, 2015, p. 355-356).

Santo Irineu descreve o momento da purificação de Maria na anunciação da concepção de Jesus. Porém, diversos teólogos foram determinando o momento da purificação sempre em momentos anteriores da vida de Maria, mesmo no seio de sua mãe. Santo Agostinho foi quem melhor definiu a concepção de pecado original (Hb 4,15) e só foi possível assumir a condição humana porque se fez homem através de uma virgem, ou seja, não mediante uma geração sexual. (MÜLLER, 2015, p. 355-356).



### 3 Maria no capítulo VIII da *Lumen Gentium*

Por ser um documento conciliar, importante na vida da Igreja, nessa parte do trabalho, buscase ressaltar, de forma sintética, a importância da Virgem que, segundo os padres conciliares, ocupa o mais alto lugar depois de Cristo e o mais perto de nós.

Proclamada em 21/11/1964, a Constituição dogmática *Lumen Gentium* do Vaticano II, no seu capítulo VIII, apresenta o resultado de um longo período de discussão, reflexão, oração, concessões entre as correntes em conflitos, conseguindo-se conciliar diferentes posições a respeito da Mãe de Jesus.

A novidade principal do Concílio Vaticano II, portanto, foi inserir Maria, a Bem-Aventurada, na História da Salvação, em especial, no mistério de Cristo e da Igreja, já que a sua intenção não era propor uma “doutrina completa” sobre Maria, mas apenas colocar um novo horizonte, como mesmo indica o título do capítulo VIII: “Maria no mistério de Cristo e da Igreja”. (BOFF, 2019, p. 90).

Esta inserção de Maria na História da Salvação, pelo Vaticano II, proporcionou uma guinada na Mariologia: antes do Concílio era separada do resto da teologia, depois, integrada na teologia; antes, uma mariologia das “glórias” de Maria SS ou de seus privilégios, depois, uma mariologia “encarnada” – Maria mulher de fé, redimida, membro da Igreja; antes uma mariologia dedutivista / especulativa, depois, uma mariologia bíblica e de grande Tradição. (BOFF, 2019, p. 90).

O documento é curto, mas denso e, segundo Paulo VI, representa em mariologia, mais um desenvolvimento *qualitativo*, isto é, de compreensão, do que *quantitativo* ou de extensão. Para Yves Congar, o Concílio foi mais banhar-se novamente nas fontes da mariologia do que propriamente abrir novas torrentes. (BOFF, 2019, p. 89-90), (*grifo do autor*).

A doutrina mariana, embora situada na Constituição sobre a Igreja, não se restringe ao horizonte eclesiológico, mas se alarga dentro do cristológico. (BOFF, 2019, p. 90). Maria é colocada num relacionamento auxiliar com Cristo, cujas graças e prerrogativas que a unem estreitamente ao Redentor, trazem-na a uma íntima união com cada um de nós. (COYLE, 2012, p. 49).

O Concílio busca relacionar os mistérios da vida da Virgem com uma teologia bíblica e patrística e sua significação na Economia da Salvação. Também coloca Maria no interior da comunhão dos santos e do corpo místico, vinculando com a Igreja através da expansão de três termos principais: *membro*, símbolo e mãe da Igreja, a partir de sua relação ímpar com Jesus; *tipo e modelo* exemplar da Igreja em termos de virgem e de mãe. Com Maria, a Igreja também deve ser mãe e virgem; *Mãe*, porque a Igreja deve guiar novos filhos; *Virgem*, porque a Igreja deve guardar-se





“íntegra” para seu Esposo (BOFF, 2019, p. 116), (*grifo do autor*); e Mãe na ordem da graça. (JOURJON e MEUNIER, 2014, p. 1098).

Colocar a teologia marial dentro dos limites de uma teologia e uma prática confiáveis era, pois, tarefa do Concílio. Logo, o seu objetivo era apresentar a imagem de Maria a qual fielmente refletisse o entendimento que tem dela a Igreja, tornando-a contemporânea de mulheres e homens (COYLE, 2012, p. 42) como sinal para o Povo de Deus peregrino e como figura realizada do cristão e da Igreja. (MURAD, 2012, p. 22).

Dessa forma, o Capítulo VIII da *Lumen Gentium* vem orientar a Mariologia no sentido de que Maria, Mãe de Jesus, mantém uma interdependência com Cristo e os seus seguidores, sendo simultaneamente membro, mãe e protótipo da Igreja. Traz, assim, para os dogmas marianos e o culto a Maria elementos da História da Salvação e da teologia bíblica que contribuem para o avanço da teologia mariana. Vem mostrar que é possível e necessário elaborar, de forma lúcida, equilibrada e contemporânea, o discurso mariano, além de estimular os teólogos a darem continuidade aos seus estudos com esclarecimentos e aprofundamento de temas em fase de maturação. (LG, n. 54). Alerta sobre os extremos do “falso exagero” – maximalismo, cujo devocionismo se afasta da “centralidade” de Jesus; e sobre o minimalismo, “estreiteza de espírito” que subtrai do cotidiano dos católicos a presença de Maria. (MURAD, 2012, p. 23).

Maria é considerada sinal da esperança segura e grande conforto para o povo de Deus na caminhada rumo ao Reino definitivo. O concílio afirma que, “nesse ínterim, a Mãe de Jesus, tal como está nos céus já glorificada de corpo e alma, brilha aqui na terra como sinal visível e invisível de firme esperança e consolação, até que chegue o dia do Senhor”. (LG, n. 68).

Na glória, Maria é a *imagem escatológica* da Igreja e a Virgem assunta ao céu seria a *escatologia realizada* da Igreja e de toda humanidade. (BOFF, 2019, p. 124), (*grifo do autor*).

O concílio retoma as atribuições feitas a Maria nos primeiros séculos, exalta a importância de sua figura para os séculos atuais e exorta os cristãos a se esforçarem para crescer na santidade, vencendo o pecado e a elevarem seu olhar piamente para a Beatíssima Virgem Mãe de Deus, modelo perfeito de fiel seguimento a Cristo, concebida sem mácula e cheia de virtude.

#### **4 Imagens de Maria e implicações para a devoção mariana**

Através dos séculos, a devoção a Maria vai paulatinamente se manifestando de diferentes e crescentes formas na vida dos cristãos. Ela deve proceder, portanto, de uma fé verdadeira, de uma





relação de entrega, confiança, súplica, discernimento, gratidão e louvor que nos levem a reconhecer a excelência da Mãe de Deus e incentivar um autêntico amor filial para com nossa Mãe Santíssima.

Para a piedade católica, é relevante o culto a Maria por ela ser a imagem e o começo da Igreja e, como Mãe de Deus e Mãe dos homens, intercede por todas as famílias dos povos, para que sejam congregadas na paz, na concórdia e conduzidas à feliz pátria.

O Vaticano II chama a atenção para o culto a Maria, que embora seja inteiramente singular, difere essencialmente do culto de adoração que se presta ao Verbo Encarnado e igualmente ao Pai e ao Espírito Santo e o favorece poderosamente. (LG, n. 66).

Constitui tarefa do Vaticano II manter a devoção dentro dos limites da teologia e prática saudáveis. Como em toda forma de culto, deve ter um cunho bíblico, para que a devoção à Virgem seja baseada nos grandes textos da mensagem cristã. (COYLE, 2012, p. 58).

Segundo o Concílio, Maria é honrada em culto especial que cresceu em veneração e amor, em invocação e imitação, porém difere essencialmente do culto de adoração a Deus. (LG, n. 66).

Ao estabelecer a *legitimidade* do culto mariano na exata medida de sua *crístocentração*, o Concílio coloca como fundamentos: a eminência da santidade de Maria; sua maternidade divina e sua presença efetiva junto a Cristo quando estava na terra. (BOFF, 2019, p. 120), (*grifo do autor*).

Considerando antiqüíssimo o culto mariano, o texto conciliar nele inclui as “práticas e exercícios de piedade” que seriam presumivelmente o rosário, o ângelus, a ladainha, a Salve Rainha, bem como outras antífonas, novenas e romarias. (BOFF, 2019, p. 121).

Invocada na Igreja como “Advogada, Auxiliadora, Adjutriz, Medianeira”, esses títulos nada acrescentam à dignidade e eficácia do único Mediador, Cristo. Ao representar a Igreja como virgem em obediência e fé frente a Deus e como mãe de Jesus Cristo, coopera com materno amor “na geração e formação dos fiéis”. (LG, n. 63).

O culto a Maria, portanto, na teologia católica, envolve a recordação da sua vida, guiada pela graça, a gratidão a Deus pela sua missão de Mãe do Senhor, a imitação do seu exemplo de vida como mediadora e intercessora a Deus. Através de hinos, orações, festas marianas: da Imaculada Conceição, da Natividade, da Apresentação, da Anunciação, da Visitação, da Purificação, da Assunção podemos manifestar o nosso amor filial à Maria, presença materna sempre operante na vida da Igreja.

## 5 Considerações finais



A Bem-aventurada Virgem Maria, Mãe de Deus, no mistério de Cristo e da Igreja, é vista pela *Lumen Gentium* a partir das citações das Sagradas Escrituras como também das afirmações dos Santos Padres.

A figura da mulher, Mãe do Redentor, sob a luz da revelação, abraçando a vontade salvífica de Deus, consagrou-se totalmente como serva do Senhor: “Eis aqui a serva do Senhor, faça-se em mim segundo a sua palavra” (Lc 1, 38). Para os Santos Padres, Deus não se serviu de Maria como de instrumento meramente passivo, mas como colaboradora na obra da redenção e santificação. (LG, n. 56).

Na era dos Padres da Igreja Primitiva, surgiram grandes controvérsias e problemas teológicos acerca da figura de Maria, porém diversos foram os posicionamentos favoráveis às concepções marianas defendidas por eles, podendo ser citados alguns, como por exemplo: Santo Inácio de Antioquia, Santo Agostinho, São João Crisóstomo, Santo Atanásio, entre muitos outros.

Maria é apresentada pelos Santos Padres como Mãe de Deus, Virgem, Imaculada, discípula-missionária de Jesus Cristo e porto seguro da humanidade, bem como uma natural consequência da Encarnação.

Em virtude da graça da divina maternidade e da missão que a une ao seu filho redentor, a Bem-aventurada Virgem Maria está também intimamente relacionada com a Igreja. Santo Ambrósio ensinava que a Mãe de Deus é o tipo de Igreja na ordem da fé, da caridade e da perfeita união com Cristo. (LG, n. 63).

Os Santos Padres afirmam também Maria como Cooperadora da Salvação humana com livre fé e obediência. Como diz S. Ireneu, “ela, obedecendo, se fez causa de salvação tanto para si como para todo gênero humano”. (LG, n. 56).

A *Lumen Gentium* incentiva os fiéis a promoverem o culto à Maria e exorta os teólogos e os pregadores da palavra divina a que na consideração da singular dignidade da Mãe de Deus se abstenham com diligência tanto de todo falso exagero quanto da demasiada estreiteza de espírito. (LG, n. 67).

A Constituição Dogmática *Lumen Gentium*, no capítulo VIII, não só se fundamenta na Tradição da Igreja, mas também utiliza sua teologia como complementação no sentido de iluminar uma espiritualidade e devoção mariana que ajudam a uma vivência concreta e coerente da fé nos dias atuais, através da prática e exercícios de piedade, buscando sempre os ofícios e privilégios da Bem-aventurada Virgem que levam a Cristo, ponto de partida de toda verdade, santidade e misericórdia.



## Referências

- AFONSO MARIA DE LIGÓRIO, Santo. *Glórias de Maria*: com indicação de leituras e orações para dois meses marianos. Aparecida: Santuário, 1989.
- AGOSTINHO, Santo. *A Virgem Maria*: cem textos Marianos com comentários. São Paulo: Paulus, 1996.
- BÍBLIA. *Bíblia de Jerusalém*. Nova ed. rev. e ampl. Português. São Paulo: Paulus, 2002.
- BOFF, Clodovis. *Mariologia*. Petrópolis: Vozes, 2015.
- COMPÊNDIO DO VATICANO II: constituições, decretos, declarações. *Lumen Gentium (LG)*. Petrópolis: Vozes, 2015.
- COYLE, Kathleen. *Maria tão plena de Deus e tão nossa*. [tradução Barbara Theoto Lambert]. São Paulo: Paulus, 2012.
- JOURJON, Maurice e MEUNIER, Bernard. Maria. In: *Dicionário crítico de Teologia*. São Paulo: Loyola, 2014, p. 1087-1089.
- MÜLLER, Gerhard Ludwig. *Dogmática Católica*: teoria e prática da Teologia. Petrópolis: Vozes, 2015.
- MURAD, Afonso Tadeu. *Maria, toda de Deus e tão humana*: Compêndio de mariologia. São Paulo: Paulinas: Santuário, 2012.
- PADOVESE, Luigi. *Introdução à Teologia Patrística*. São Paulo: Edições Loyola, 1999.
- PONS, Guillermo. *Textos Marianos de los primeros siglos*: Antologia Patrística. Madrid: Editorial Ciudad Nueva, 1994.
- SCHNEIDER, Theodor. (org.). *Manual de Dogmática*—Volume II. Petrópolis: Vozes, 2000.
- TAVARD, George H. *As múltiplas faces da Virgem Maria*. São Paulo: Paulus, 1999.

**Recebido: 22/12/2020**

**Aceito: 16/05/2021**